

## Um Estudo Teórico Reflexivo do Conto Acauã à Luz dos Estudos sobre Gênero Sob a Perspectiva do Feminino

*Un Estudio Teórico Reflexivo del Cuento de Acauã Basado en Estudios de Género Desde la Perspectiva de las Mujeres*

*A Reflective Theoretical Study of the Acauã Tale About Gender Studies from a Feminine Perspective*

Joyce Cristina Farias de Amorim  
José Guilherme de Oliveira Castro

**Resumo:** O presente artigo se propôs a realizar uma análise, à luz da concepção de gênero, do conto *Acauã*, do livro *Contos Amazônicos* (1893), do escritor Inglês de Souza. O intuito foi observar como se dá e se constrói a representação do feminino no conto do século XIX. A análise se baseia na observação do dito e do não dito sobre as personagens femininas ao longo da tecitura literária, sob o olhar do contemporâneo e da ideia sobre dominação masculina que, segundo Bordieu, está de tal maneira ancorada no inconsciente das pessoas. A presente análise se construiu e se constituiu com base em pressupostos teóricos como Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010) e Beauvoir (1970).

**Palavras-chave:** Literatura. Representação. Gênero. Feminino.

**Resumen:** El presente artículo propone un análisis, a la luz de la concepción de género, del cuento *Acauã*, del libro *Amazon Stories* (1893), del escritor inglés de Souza. El objetivo era observar cómo se hace y se construye la representación de lo femenino en el cuento del siglo XIX. El análisis se basa en la observación del dicho y lo no dicho sobre los personajes femeninos a lo largo de todo el tejido literario, bajo la mirada de los contemporáneos y la idea de la dominación masculina que, según Bordieu, está tan anclada en el inconsciente de las personas. Este análisis se construyó y constituyó sobre supuestos teóricos como Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010) y Beauvoir (1970).

**Palabras clave:** Literatura. Representación. El género. Mujer.

**Abstract:** This article proposes an analysis, in the light of the gender conception, of the tale *Acauã*, from the book *Amazon Stories* (1893), by the English writer de Souza. The aim was to observe how the representation of the feminine in the tale of the 19th century is done and constructed. The analysis is based on the observation of the saying and the unspoken about the feminine characters throughout the literary weaving, under the gaze of the contemporary and the idea of male domination which, according to Bordieu, is so anchored in people's unconscious. This analysis was built and constituted based on theoretical assumptions such as Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010) and Beauvoir (1970).

**Keywords:** Literature. Representation. Gender. Feminine.

Joyce Cristina Farias de Amorim – Doutoranda em Comunicação, linguagens e cultura – PPGCLC/Unama. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade e do Grupo de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico. Docente vinculada à Seduc-Pa. <http://lattes.cnpq.br/4653194728338812>. E-mail: [joyce.crisamorim@hotmail.com](mailto:joyce.crisamorim@hotmail.com)

José Guilherme de Oliveira Castro – Doutor em Teoria Literária. Docente vinculado ao PPGCLC/Unama. Pesquisador do Grupo de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico. <http://lattes.cnpq.br/4564267097302078>. E-mail: [jgpsico.letras@gmail.com](mailto:jgpsico.letras@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história, é possível observar o papel e o lugar da mulher sendo invisibilizados e subalternizados nos mais diversos (não) registros, e na Literatura não foi muito diferente. Seja na condição de autora, seja na condição de personagem. As diferentes representações do feminino na literatura brasileira revelam, em termos de linhas gerais, uma face da história de opressão e subalternização das mulheres a partir do conservadorismo sócio-histórico na cultura das relações de gênero. Sendo assim, a presente análise se constrói e se constitui a partir desse entendimento, tomando como objeto de estudo o conto *Acauã* do escritor Amazônico, Inglês de Sousa.

Ainda que se considere uma obra que explora a diversidade mítica e cultural amazônica, ressalta-se aqui que a intenção consiste em realizar uma releitura da obra sob a perspectiva do feminino, a proposta não foi explorar o contexto regional e imaginário amazônico, porém não tem a intenção de desconsiderá-lo. A ideia é propor reflexões e/ou caminhos reflexivos para um patamar ainda mais amplo de discussão sobre os estudos de gênero, com o auxílio dos pressupostos teóricos utilizados como referência para a construção deste artigo. Por isso a relevância da discussão.

Em termos de linhas gerais, a produção literária de autoria feminina apresenta características muito próximas e/ou próprias da literatura de testemunho. Entende-se que escritoras narraram, na maioria das vezes, suas próprias histórias de vida, de maneira real e/ou fictícia ou ainda por meio de uma fusão entre o real e o fictício. As vozes femininas narram, dão testemunho sobre dores, sofrimentos e traumas. Muitas vezes, exercem o papel de narradora de si, em outras, dão vozes a personagens. Nota-se que “os estudos acerca do testemunho na literatura têm crescido consideravelmente”<sup>1</sup>. E

Esse crescimento se liga, sem dúvida, à onda (multi)culturalista. Em princípio, aliás, ‘literatura’ seria oposto de ‘testemunho’ – e vice-versa. Este um ponto nodal do debate. Por isso mesmo, as considerações acerca da ‘literatura de testemunho’ envolvem questões de gênero, de valor, de saberes, que, mais uma vez, tensionam os limites entre estética e ética, entre verdade e ficção, entre realidade e representação. O debate em torno do testemunho na literatura requer acerrar-se não só de estudos literários [...], mas de boas doses de Filosofia [...], Psicanálise [...], Direito [...], História [...] etc.<sup>1</sup>

Com base neste pressuposto, compreende-se que a noção de literatura de testemunho ultrapassou as barreiras conceituais iniciais de que “a noção fundadora de testemunho vem da chamada ‘literatura do Holocausto’, emblematizada pelos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial”<sup>1</sup>. Resguarda-se tal concepção inicial, pois justifica a origem desta, pode-se assim dizer, categoria de literatura, mas que tal concepção se ampliou e passou pressupor e agregar outros entendimentos. Em suma, segundo Salgueiro, existem muitas modalidades de testemunho, “seja em relação a situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções etc.)<sup>1</sup>.”

Faz-se importante considerar que, ainda que discussão maior sobre literatura de testemunho ocorra num momento que se distancia do tempo do conto em questão, não descarta, muito menos impossibilita, a compreensão da narrativa em questão sob os moldes da literatura de

testemunho. Pois o foco, neste estudo, também se dá pela observação da dor, do sofrimento de uma das personagens. Dores que se traduzem na voz de um narrador que testemunha a história de vida de uma das personagens fictícia, a Aninha. A análise não consiste somente sobre ela, mas especialmente.

Sobre o autor do conto *Acauã*, Herculano Marcos Inglês de Sousa, conhecido simplesmente como Inglês de Sousa, destacou-se tanto na literatura como na política, na docência e na área jurídica. Nasceu em Óbidos, Estado do Pará, em 28 de dezembro de 1853, mas se mudara do Estado ainda na infância, e faleceu aos 65 anos no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918.

Inglês de Sousa realizou seus primeiros estudos ainda no Pará, porém

A vida profissional e literária de Inglês de Sousa foi ela desenvolvida no Sul do país, não sendo muito difundida no Pará, onde só era conhecida nos meios culturais, mas, é interessante assinalar, quase todos os seus romances e contos giram em torno da Amazônia, de seus costumes, de suas gentes, o que imprime um sabor todo especial à descrição envolvendo o comportamento das pessoas [...]².

O escritor marcaria não só o início do Naturalismo no Brasil, mas marcaria um espaço para a literatura de expressão amazônica no contexto nacional. No âmbito da literatura, o conjunto da obra de Inglês de Sousa não prima pela quantidade, mas pela qualidade, pois publicara somente cinco obras literárias, sendo elas quatro romances *O Cacauleta* (1876), *História de um pescador* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877) e *O Missionário* (1891), e o escritor encerraria sua produção literária com um livro de contos intitulado *Contos Amazônicos* (1893), do qual faz parte o conto objeto desta análise.

O discurso apresentado na obra de Inglês de Sousa é aquele formado a partir do imaginário local, na cultura do entre-lugares³, em que os sujeitos estão inseridos para moldarem sua identidade, já que é preciso está inserido no espaço para se compreender o mesmo. Isso se constata na própria formação de vida do próprio escritor, que nasceu no Pará, e escreveu sobre a Amazônia, mesmo não residindo grande parte de sua vida neste lugar, mas, por meio de sua obra, vê-se um homem que aparenta nunca ter partido, pois não se desligara de suas raízes.

Em suma, o presente artigo discute inicialmente a figura e a condição feminina diante de uma cultura patriarcal, permeada por um discurso dominante, à luz dos pressupostos sobre o ser feminino, vias de regra, o de ser mulher. Num segundo momento, analisa-se, dialogicamente a partir dos pressupostos teóricos, a representação do feminino no conto *Acauã*.

## 1. A (In)sustentável Leveza do Ser... Feminino: uma breve discussão teórica e histórica

É por meio de uma referência conotativa à obra de Milan Kundera⁴, inspiração para o título e para a discussão deste tópico. Pois, esta análise, assim como a emblemática trama de Kundera, entranha-se pela profundidade e pela complexidade, bem como se constrói em meio a conceitos que sugerem, simultaneamente, leveza e peso. Mas enquanto Kundera propõe reflexões sobre o amor e suas vicissitudes, este tópico caminha para a discussão do que é ser feminino e do que é ser mulher. Kundera aqui é inspiração para a tecitura e reflexões (d) neste desta análise.

Ao se pensar sobre questões que envolvem o ser mulher ao longo do tempo, bem como identificar pensamentos/comportamentos que se propõem como ruptura contra a dominação

masculina, logo surge um dos nomes mais representativos, o de Simone de Beauvoir<sup>5</sup>. Aquela que foi/é considerada um dos maiores nomes do feminismo moderno. Autora de frases que marcariam o seu nome na história, e a faria necessariamente presente nas discussões sobre os estudos de gênero, em especial com a frase “ninguém nasce mulher, torna-se”. Os pressupostos de Beauvoir são indispensáveis a qualquer estudo sobre o tema.

Judith Butler<sup>6</sup>, filósofa contemporânea, é também um importante nome para os estudos sobre gênero, e uma grande referência para os estudos da teoria *queer*. No seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, que se divide em três capítulos, a escritora discorre sobre uma genealogia crítica das categorias de gênero em campos discursivos muito distintos. E, inspirada nos discursos de Beauvoir, Kristeva, Irigaray, Foucault e Witting, Butler fala o quão é melindrosa a questão de tentar definir uma identidade do ser mulher e do ser feminino, pois muito depende de questões outras, que podem interferir e/ou contribuir para essa compreensão como o contexto histórico, o político, o ideológico, entre outros. Entende-se ser uma compreensão complexa, mas possível. Por exemplo, uma definição, num determinado contexto, não necessariamente caberá em outros. Toda e qualquer compreensão se faz necessário considerar muitos fatores. Segundo Butler

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada<sup>6</sup>.

Já Beauvoir<sup>5</sup>, em seu livro *O segundo sexo: fatos e mitos*, inicia uma intensa e reflexiva indagação sobre o que é ser mulher, proporcionando as mais sugestivas e diversas compreensões e olhares. Seja do ponto de vista biológico e/ou social, os sentidos imbricam-se e se (con)fundem.

Que é uma mulher? ‘*Tota mulier in utero: é uma matriz*’, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: ‘Não são mulheres’. Embora tenham um útero como as outras. [...] Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher [...]’<sup>5</sup>.

Beauvoir<sup>5</sup> instiga a pensar que há diferenças do que é ser mulher do ponto de vista biológico e do ponto de vista social. Diferem-se. Inclusive, além do questionamento, faz afirmações, possibilitando a compreensão de que o ser mulher e o ser feminino não são intrínsecos. Segundo a própria escritora e filósofa ligada ao pensamento existencialista, “o próprio enunciado do problema sugere uma resposta”<sup>5</sup>.

Para compreender melhor a proposta da discussão deste artigo, com base em Beauvoir<sup>5</sup>, um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que eles ocupam na humanidade, mas se for uma mulher, sim. Se, do ponto de vista da autoria, não resta dúvida de que é isso que ocorre, enquanto autor/narrador sobre uma figura/personagem feminina, como ele a descreveria? Qual é/seria a representação feminina aos moldes do olhar masculino? Embora previsível, as respostas são as mais sugestivas possíveis, e geralmente são permeadas por um olhar misógino e sexista, e é por esse viés de discussão que se envereda esta análise.

Ressalta-se que a ideia, ao longo deste artigo, não é propor respostas, mas reforçar questionamentos, propor novas reflexões, ou, talvez, se somar a outras reflexões já propostas ao longo

da história, e, assim, com a força destas indagações, fragilizar, dirimir, desconstruir e reconstruir o discurso hegemônico, com o intuito de romper com o pensamento de dominação masculina/patriarcal ainda resistente e insistentemente instituída.

Outro nome importante é o de Pierre Bordieu<sup>7</sup> que, em seu livro *A Dominação Masculina*, disserta sobre a necessidade de se pensar na necessidade do processo de des-historicização.

Realmente, é claro que o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização. O que significa que, escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historização, ou, se assim preferirem, a história da (re) criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos<sup>7</sup>.

O teórico que discute sobre violência simbólica não descarta o quão emblemático é esse processo

Ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os 'gêneros', a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu continuamente, isto é, o trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. Ela deveria empenhar-se particularmente em descrever e analisar a (re) construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e de divisão geradores dos 'gêneros' e, mais amplamente, das diferentes categorias de práticas sexuais (sobretudo heterossexuais e homossexuais), sendo a própria heterossexualidade construída socialmente e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual 'normal', isto é, distanciada da ignonímia da 'contranatureza'<sup>7</sup>.

Bordieu<sup>7</sup> afirma que a história deveria se empenhar e se aprofundar nos estudos de gênero, sugerindo que tudo o que está ligado a ideia que se tem sobre homem e mulher, e sobre a sexualidade heteronormativa foram construídos e instituídos social e historicamente, e aceitos como padrão, como natural, como normal, e que tudo que foge disso é entendido como não aceitável. O que sugere ser necessário se fazer uma (re)construção social, histórica, de conceitos, entre outros. Mas Bordieu<sup>7</sup> aponta uma pequena luz no fim do túnel, não como saída, mas como possibilidade para iluminar o caminho das discussões, afirmando que

Uma verdadeira compreensão das mudanças sobrevindas, não só na condição das mulheres, como também nas relações entre os sexos, não pode ser esperada, paradoxalmente, a não ser de uma análise das transformações dos mecanismos e das instituições encarregadas de garantir a ordem dos gêneros<sup>7</sup>.

Ainda segundo Bordieu<sup>7</sup>

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão,

sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do esforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar<sup>7</sup>.

E, assim, por entender ser um tema predominantemente, porém não necessariamente exclusivo, de preocupação de teóricas e ativistas femininas/feministas, Bordieu<sup>7</sup> se justifica ao engendrar pelo assunto

Se me aventurei, pois, depois de muita hesitação e com a maior apreensão, por um terreno extremamente difícil e quase que inteiramente monopolizado hoje pelas mulheres, é porque eu tinha o sentimento de que a relação de exterioridade na simpatia em que eu me havia colocado poderia permitir-me produzir, com o apoio do imenso trabalho estimulado pelo movimento feminista, e também dos resultados de minha própria pesquisa a respeito das causas e dos efeitos sociais da dominação simbólica, uma análise capaz de orientar de outro modo não só a pesquisa sobre a condição feminina, ou, de maneira mais relacional, sobre as relações entre gêneros, como também a ação destinada a transformá-las<sup>7</sup>.

Entende-se aqui a necessidade de se estender essa preocupação. Bordieu<sup>7</sup> concorda que “o movimento feminista contribuiu muito para uma considerável ampliação da área política ou do politizável, fazendo entrar na esfera do politicamente discutível ou contestável”, mas alerta, segundo sua própria compreensão, de que

[...] o movimento feminista não deve mais deixar-se encerrar apenas em formas de luta política rotuladas de feministas, como a reivindicação de paridade entre os homens e as mulheres nas instâncias políticas [...] estas lutas correm o risco de redobrar os efeitos de uma outra forma de universalismo fictício, favorecendo prioritariamente saídas das mesmas áreas do espaço social que os homens que ocupam atualmente as posições dominantes<sup>7</sup>.

Essa é uma questão tênue dentro do movimento feminista, discutida também por Butler.

A questão do ser mulher/ser feminino perpassa por diversas discussões que envolvem também discussões sobre identidade, o que culmina sutilmente para o campo da indissociabilidade. E a identidade é um tema de interesse das mais diversas áreas do conhecimento, o que reforça seu caráter polissêmico, difícil até mesmo defini-la ou delimitá-la. Por isso, este envereda pelas concepções de Bauman<sup>8</sup> e Hall<sup>9</sup>, que asseguram que o conceito de identidade é demasiadamente complexo, mas imprescindível para a compreensão do ser, do sujeito, do ponto de vista de suas subjetividades e coletividades.

Bauman<sup>8</sup> diz que “a atenção intensa que hoje se dá ao tema da identidade é em si mesma um fato cultural de grande importância”, e isso é que também sustenta a importância desta pesquisa no campo da literatura e do social. E como o intuito é propor reflexões e observar os processos de construção do feminino, tais considerações se fazem importante. O objetivo é oferecer uma pesquisa contínua, mostrando possibilidades plurais de reflexão.

Estamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica. Como se pode explicar esse paradoxal fenômeno? Onde nos situamos relativamente ao conceito de “identidade”? está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada<sup>9</sup>.

Não há identidade una, singular, e muito menos estática. Pelo contrário, é múltipla e efêmera. E isso ajuda a entender de certo modo a complexidade que gira em torno da definição do ser feminino e/ou do ser mulher.

## 2. Os Diferentes Fios Representativos do Ser Feminino na Tecitura Literária Acauã

À luz da concepção da literatura de testemunho, o narrador, no conto *Acauã*, seria um tipo de testemunha *testis*, seria aquele que vê e registra os fatos<sup>10</sup>, já a personagem Aninha seria a *superstes*, que é aquela que dá, dentre outros, o testemunho da superação da morte e da resiliência da vida<sup>10</sup>. No caso de Aninha, embora um sofrimento visível, descrito pelo narrador, ela permanece em silêncio, e que o seu silêncio também fala. Faz-se necessário dizer que a ideia que se tem sobre o testemunho da *superstes* é que este leva o fatal ao nível da sobrevivência<sup>10</sup>.

Não se trata de uma história real, mas de uma narrativa tecida por fios míticos que se realizam no imaginário amazônico. O que incorre no risco de que

[...] é por conta da imaginação que muitas acusações são feitas contra o testemunho. Ou seja, antes de se criticar a literatura (com seu evidente compromisso com a imaginação), a própria narrativa testemunhal, que se quer ‘primeira’, atestação, fonte original da realidade, mesmo esta narrativa é descartada por muitos historiadores, como não sendo fonte fidedigna para o historiador<sup>11</sup>.

Mas o conto, objeto deste estudo, é analisado sob uma perspectiva da verossimilhança.

Faz-se necessário considerar que, no universo amazônico, de acordo com Loureiro<sup>12</sup>, as pessoas encontram explicações e justificativas para tudo o que acontece por meio do imaginário local, que se construiu e se constrói a partir da relação do homem com a natureza e com os outros. Algo explícito na narrativa de Inglês de Sousa, em que as ações ocorrem num espaço social motivado, explicado e vivido a partir da existência de uma mitologia, algo que não desapareceu no decorrer da história da Amazônia e, também, que acompanhou a evolução do pensamento humano, mais do que acompanhar, transformou.

A percepção/compreensão da representação do feminino no conto se dá por meio de um olhar do contemporâneo sobre as personagens, sem explorar intensivamente o regional e, ao mesmo tempo, sem desconsiderá-lo. A intenção foi observar o processo de construção identitária das personagens femininas na narrativa inglesiana, obra do final do século XIX, trazendo a discussão para tempos recentes em que muitas (des)(re) construções estão ocorrendo e num contexto em que lutas por equidade tem se intensificado.

## 2.1 O Feminino em Acauã: um olhar sobre as personagens para além das fronteiras literárias de expressão amazônica

Hegemonicamente, ao longo da história a mulher foi/é considerada como um ser inferior ao homem, por diferentes fatores de caráter social, político, ideológico entre outros. Em termos gerais, a mulher foi/é subjugada, silenciada, excluída, estereotipada. Atualmente, observa-se que em diversos campos, a mulher tem conseguido se firmar, adentrando espaços que durante muito tempo lhe foram negados.

Na literatura, por exemplo, é notório que muitas obras de autoria feminina vêm ganhando mais e novos espaços e conceitos, e as que foram excluídas no passado passaram a ganhar (maior) visibilidade e reconhecimento, mesmo que tardiamente. E o quanto é importante que mais mulheres conquistem esses espaços.

O presente estudo busca reforçar aqui a força e a importância da representação da mulher na literatura, principalmente a brasileira, muito embora a análise da figura feminina não seja como autora, como a que produz, mas enquanto personagem(s), e sobre o que se produziu sobre ela, a mulher na literatura sob a ótica masculina, proporcionando uma discussão a partir de um determinado contexto literário, com atravessamentos das experiências, da(s) voz(es), do(s) olhar(es) e da vida de quem tece este artigo.

*Acauã*, do livro *Contos Amazônicos*<sup>13</sup>, é uma narrativa que se constitui no entrelace de dois campos distintos, o do real e o do imaginário cotidiano da vida amazônica, ou seja, trata-se da vida de ribeirinhos amazônidas movida/permeada por lendas e mitos que movem o seu cotidiano, suas crenças, seus valores e, também, suas relações sociais. O contexto é amazônico. É a Amazônia que não é singular, mas pluri, e merece um foco maior e mais significativo nas/das mais diferentes áreas de estudos. Até porque há outras formas de percebê-la, vê-la, defini-la, e, por isso, a lógica de entender não só uma Amazônia, mas várias. Segundo Loureiro<sup>12</sup>

A margem do rio, entre o rio e a floresta, é o lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia transfigurados em enigmas do mundo. Oferece interrogações sobre origens e destinos. É quando o rio deságua no imaginário. Onde se pode ler a multiplicidade dos ritmos da vida e do tempo, observar as indecisões da fronteira entre o real e o imaginário, o espontâneo maravilhamento diante dos acasos. O sentido privilegiado da contemplação conduz ao jogo estético, pela quimera de olhar as coisas ante o mistério que delas emana e pelo que nelas se exprime, nesse vago e gratuito prazer da imaginação que não busca um porto, embora numa viagem de vagos destinos. Uma viagem que não precisa levar a nenhuma parte. A margem do rio não existe lógica para ser coerente. Nela estão os mais preciosos arquivos culturais do mundo amazônico, os manguezais simbólicos de nossa cultura, as raízes submersas da alma cabocla<sup>12</sup>.

Mas fugindo deste desafio de desbravar a enigmática Amazônia, descrita por Loureiro, este estudo segue por outra margem. O foco é dado às personagens, um olhar dado à narrativa como o de quem busca informações outras, sentidos outros, sem mexer nos detalhes da obra, mas de quem observa à paisana, metaforicamente sentado(a) à margem de um rio, o movimento, as vozes, as descrições, as características presentes e insinuadas, e, porque não, insinuantes.

Em relação ao conto *Acauã*, a trama gira em torno de um homem viúvo, Jerônimo, que mora com sua filha legítima, Aninha, e que encontra um bebê, Vitória, num certo dia e num contexto enigmático, e a adota como filha. A história se desenrola num contexto típico do imaginário amazônico, numa comunidade ribeirinha, permeada por mistérios surpreendentes. Mas a análise se ancora, principalmente, nas entrelinhas dos comportamentos e das atitudes das personagens Aninha e Vitória e na relação com o pai, Jerônimo. Havia entre Aninha e Vitória uma relação enigmática/misteriosa que causava estranhamento entre todos e que possibilita/sugere as mais diferentes impressões e entendimentos. Conforme pode ser notado na fala do narrador:

As duas companheiras afetavam a maior intimidade e ternura recíproca, mas o observador atento notaria que Aninha evitava a companhia da outra ao passo que esta a não deixava. A filha do Jerônimo era meiga para com a companheira, mas havia nessa meiguice um certo acanhamento, uma espécie de sofrimento, uma repulsão, alguma coisa como um terror vago, quando a outra cravava-lhe nos olhos dúbios e amortecidos os seus grandes olhos negros<sup>13</sup>.

As personagens que foram criadas como irmãs, ao longo da narrativa, pela voz do narrador, aparentam ter uma relação algumas vezes conflituosa, e outras vezes amistosa. Em algumas situações, se observam características de subalternidade de Aninha em relação à Vitória. O que sugere um comportamento misógino desta última. As palavras ‘companheira’, ‘intimidade’ e ‘ternura recíproca’ sugerem uma possibilidade de relação amorosa entre elas, inclusive de relacionamento abusivo, se se considerar as expressões ‘que esta a não deixava’, ‘terror vago’, ‘sofrimento’, ‘repulsão’ e ‘quando a outra cravava-lhe nos olhos dúbios e amortecidos os seus grandes olhos negros’.

Considerando o contexto histórico da obra, é possível compreender que a possibilidade de tal relação pudesse suscitar polêmica à época, pois seria mais aceitável entender a relação somente pelo sentido mítico, explicável e justificável pela lenda do pássaro *Acauã*, do que uma relação homoafetiva. Algo semelhante a uma situação de gravidez indesejada, cuja responsabilidade é atribuída ao boto, outro símbolo mítico, e tal aceitação seja vista como natural pelo imaginário amazônico. Mas, no caso da homossexualidade, esta seria de alguma forma menos aceitável que a gravidez de uma amante e/ou na adolescência, por exemplo, considerando o pensamento conservador da época que traz em suas raízes comportamentos e atitudes homofóbicas, considerando que a homossexualidade era vista, até a década de 90, como doença. Muito embora trazer esta discussão para os dias atuais, se faz necessário dizer que é, ainda, lidar com fortes preconceitos. Neste sentido, Bordieu<sup>7</sup> alerta para se pensar a (re)construção do pensamento, do ponto de vista social e histórico, em torno da questão de gênero e de suas práticas/orientações sexuais. De acordo com Borrillo<sup>14</sup>, “a homofobia é inconcebível sem que seja levada em consideração a ordem sexual a partir da qual são organizadas as relações sociais entre os sexos e as sexualidades”. Pois, “à origem da justificativa social dos papéis atribuídos ao homem e à mulher, esta se encontra na naturalização da diferença entre dois sexos”<sup>14</sup>, ou seja, a dita ordem natural dos sexos é o que determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar a do masculino, inclusive pela lógica da subordinação, tanto psicológica, quanto cultural. E ainda segundo Borrillo<sup>14</sup>, “[...] a dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível”, até porque tal violência é apresentada pelo dominador e na-

tural, inevitável e necessariamente aceita pelo dominado. Em relação ao sexismo, este caracteriza-se, precisamente, por uma constante objetificação da mulher, bem como acrescenta P. Bordieu<sup>14</sup>:

[As mulheres] existem, em primeiro lugar, pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos acolhedores, atraentes e disponíveis. Espera-se que elas sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, reservadas e, até mesmo, invisíveis. E a pretensa “feminilidade” não passa, na maior parte das vezes, de uma forma de complacência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, particularmente em matéria de ampliação do ego. Por conseguinte, a relação de dependência para com os outros (e não só dos homens) tende a tornar-se constitutivo de seu ser<sup>14</sup>.

E é no extremo dessa condição em que se encontra a personagem Aninha. A condição subalternizada, na qual Aninha está inserida, é percebida pelo comportamento de medo e de subserviência em relação à Vitória e, também, em algumas situações em relação ao pai, que queria impor à filha casamento não desejado, e isso, é claro, em algumas falas do narrador, como quando diz que “nas relações de todos os dias, a voz da filha da casa era mal segura e trêmula; a de Vitória, áspera e dura. Aninha, ao pé de Vitória, parecia uma escrava junto da senhora”<sup>13</sup>.

Em seu livro *Pode o subalterno falar?*, Spivak<sup>15</sup> tem como uma de suas preocupações centrais a de desafiar os discursos hegemônicos e também as crenças dos (seus) próprios leitores e produtores de saber e conhecimento. E, ao concluir a sua interrogativa inicial, a teórica se refere ao fato de a fala do subalterno ser sempre intermediada pela voz do outro. Como ocorre na narrativa *Acauã*, pois Vitória era a ‘dona’ das vontades de Aninha. Decidia por ela.

A obra de Spivak<sup>15</sup> é uma referência não apenas para os estudos pós-coloniais, mas também para os estudos culturais e para a crítica feminista, principalmente ao indagar as formas de repressão dos sujeitos subalternos, interrogando, até mesmo, a própria cumplicidade dos intelectuais contemporâneos nessa questão. É comum para a escritora encontrar cumplicidade de condições subalternas de personagens femininas em diferentes narrativas literárias. Spivak<sup>15</sup> confirma que ‘a questão da mulher’ parece ser a mais problemática nesse contexto e que se faz necessário “acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas”. Ainda nos seus escritos, Spivak<sup>15</sup> discorre no seu último tópico sob a égide da crítica feminista, propondo questionamentos de cunho reflexivo, inclusive, em torno do discurso dos suicídios sancionados e a natureza dos rituais para os mortos. Seus estudos giram em torno desses e de outros diversos questionamentos e deixa claro que não traz respostas objetivas, mas propõe discussões outras. Segundo as palavras da própria autora

Evidentemente, meu tratado não é exaustivo. Minhas leituras são, mais propriamente, um exame interessado e imperito, de uma mulher pós-colonial, sobre a fabricação da repressão – uma contranarrativa construída da consciência da mulher e, portanto, do ser da mulher, da mulher com um ser bom, do desejo da mulher boa e, assim, do desejo da mulher. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, testemunhamos o lugar móvel da mulher como um signifiante na inscrição do indivíduo social<sup>15</sup>.

Embora sob uma égide diferente à discutida e exemplificada nos escritos de Spivak<sup>15</sup>, no conto *Acauã*, a personagem Aninha no dia do seu casamento passa por uma espécie de ritual de transformação. Não fora uma escolha de Aninha, mas a passagem sugere sacrifício. E, assim, ao ver Vitória

Aninha soltou um grito de agonia e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. [...] A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mor, estava hirta e pálida. Dois grandes fios de lágrimas, como contas de um colar desfeito, corriam-lhe pela face. [...] Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos o lindo cabelo. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente. De repente, a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise. Inteiriçou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-o por vezes nas ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:

– Acauã!<sup>13</sup>.

Embora seja uma referência à lenda do Acauã, uma cuidadosa (re)leitura pode (re)abrir outras discussões, além das que aqui se fazem. Foi possível, inclusive, perceber, de certa forma, nas duas personagens, exemplos de duas representações distintas do ser mulher. Se por um lado, Aninha representa a imagem frágil, vulnerável, suscetível, submissa, entre outros estereótipos já instituídos historicamente à imagem da mulher, por outro lado, Vitória é a representação da própria luta feminista, a força, o vigor, a independência, e, embora a personagem pareça representar uma mudança do comportamento e do pensamento feminino e reforçar a ideia de ressignificação nas relações de gênero, percebe-se que o preconceito e os estereótipos também se ressignificaram, ou seja, ao mesmo tempo que Vitória representa um ser feminino sob o viés da luta feminista, a sua postura em relação à Aninha pode ser comparada a comportamentos atribuídos, geralmente, aos homens, o que faz dela, segundo o que está implícito na fala do narrador, uma aberração, conforme podem ser observadas no trecho a seguir

Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos<sup>13</sup>.

A passagem descrita acima também propõe/sugere uma ideia de demonização da mulher. Aquela que foge dos princípios da mulher submissa, instituída pelo patriarcado, e que é considerada a própria representação da bruxa dos tempos da idade média, que era contrária à igreja. Inclusive, as características atribuídas à Vitória fazem uma sugestiva comparação à figura mítica da Medusa.

Em suma, embora o ser feminino e o ser mulher se mantenham sob uma linha tênue de diferença, é aqui usado de certo modo como sinônimo no caso de Aninha, e opostos em relação à Vitória. Aninha representa a imagem do ideal do que se espera sobre a mulher numa visão e discurso instituídos social e historicamente pela dominação masculina, conforme discutido em Spivak<sup>15</sup> e Bordieu<sup>7</sup>, mas, em contrapartida, Vitória traz uma representação do que contraria o pensamento/discurso misógino e, a partir dele, é vista como uma aberração, um monstro, metaforicamente sugerido na narrativa, inclusive tais atribuições podem ser feitas à crítica e à luta feminista, se se seguir a lógica do pensamento misógino, bem como se se considerar Vitória como uma personagem lésbica.

Percebe-se que, mesmo percorrendo contra a correnteza dos estereótipos arraigados, não se pode negar a importância que os estudos sobre gênero e do movimento feminista têm alcançado. Quando outrora se estagnava no campo do silêncio e da invisibilidade, hoje se fazem ouvir e, cada vez mais, se fazem presente. Muitas são as contribuições teóricas sobre o assunto, bem como o ativismo de muitos movimentos sociais e políticos.

Dessa forma, a presente análise se coloca como contribuição para os demais debates e estudos sobre gênero e literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fora dito, explícita e/ou implicitamente ao longo deste trabalho, a intenção não foi apresentar respostas exatas ou verdades absolutas sobre ser feminino e/ou ser mulher, mas suscitar novos questionamentos, outras reflexões.

Butler e Beauvoir revelam a complexidade que gira em torno da definição do gênero feminino, que não necessariamente possa ser ou ter o mesmo sentido que ser mulher, embora, em alguns contextos, um pareça não anular o outro, entende-se que, em outros, precisam ser revistas, analisadas e que podem ter sentidos opostos. Aqui, fora usado enquanto sinônimos, como no caso de Aninha, mas com sentido oposto como no caso de Vitória. Mas é bom lembrar de que não se trata de uma regra.

Há uma série de discussões feitas sobre a questão do feminino subversivo e à crítica feminista em torno da tentativa de compreender melhor as questões de gêneros, em especial o feminino.

Análises de narrativas literárias, como esta, não possibilitam respostas de caráter definitivo, elas possibilitam algo muito maior, muito mais amplo. E quanto aos teóricos que embasam este artigo, direta ou indiretamente, alertam de que é preciso entender o que acontece(u) para que a caminhada/luta continue e se ressignifique no presente.

As lutas feministas, segundo o próprio Bordieu, trouxeram essas questões para o campo do politicamente discutível, e isso por si só representa um significativo avanço. Acrescenta-se ainda que muitas vezes passaram a ser ouvidas, mas reconhece-se que há muito a se fazer. Mas que, de certa forma, olhar e discutir o processo de mudanças que tem ocorrido tem proporcionado aos dias de hoje muitos outros questionamentos importantes e necessários; trazem novas experiências e reflexões, o que mostra que questionar move e sugere continuidade, enquanto que respostas indicam o fim, o que não fora a intenção deste.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> SALGUEIRO, Wilbert. *O que é literatura de testemunho* (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). Matraga, Rio de Janeiro, v. 19, n.31, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso: 01 jul 2019. p. 291, 284.
- <sup>2</sup> MEIRA, Clóvis. *Relembrações de Inglês de Sousa*. Artigo do jornal *O Liberal*. Belém, domingo, 23 de setembro de 1990.
- <sup>3</sup> BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- <sup>4</sup> KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.
- <sup>5</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo I: fatos e mitos*. 1970. p. 7, 9.
- <sup>6</sup> BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 17-18.
- <sup>7</sup> BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 100-107, 138-139.
- <sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 44.
- <sup>9</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006. p. 103.
- <sup>10</sup> BRITO JUNIOR, Antonio Barros de. *A literatura e o local da diferença: entre testemunho e arquivo*. Revista Landa, UFRGS, v. 2, n. 1, 2013. p. 61-63.
- <sup>11</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psic. Clínica, Rio de Janeiro. v. 20, n. 1, p. 9, 65-82, 2008.
- <sup>12</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 2002. p. 160-165,
- <sup>13</sup> SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- <sup>14</sup> BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 30.
- <sup>15</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 80-98.

